

Jubileu de ouro de Medellín: seus padres e seus ensinamentos

Jubilee of gold of Medellín: its priests and its teaching

Antônio S. Bogaz*

João Hansen**

Márcio A. Couto***

Dedicamos este trabalho ao caríssimo Irmão Dom Angélico Sândalo, bispo emérito de Blumenau, verdadeiro padre da Igreja de nossos tempos, cujos anos lhe fortaleceu a profecia e cuja presença sorridente é um clamor de coragem.

Recebido: 10/09/18

Aprovado: 10/10/18

Resumo:

A Conferência de Medellín foi um marco na Igreja da América Latina. O presente trabalho trata deste grande evento em várias dimensões. Nossa percepção é de que necessidade de anotar as inovações teológicas e pastorais do Concílio que deixaram marcas nos padres conciliares deste Continente, que levaram muito à sério o sonho de uma Igreja integrada com o mundo contemporâneo. Servindo-nos dos paradigmas dos padres da Igreja, que é uma alcinha para os grandes pastores e teólogos do período patrístico, nosso principal intuito é elencar os principais *padres da Igreja desta Conferência*, criando uma *patrolo-*

* Antonio S. Bogaz é doutor em teologia e professor no ITESP e membro do Observatório Eclesial Brasil.

** João Henrique Hansen é doutor em Letras e Literatura e membro do Observatório Eclesial Brasil.

*** Márcio A. Couto é doutor em teologia e professor na Faculdade de Teologia São Bento e membro do Observatório Eclesial Brasil.

gia de Medellín, onde destacamos os protagonistas deste período eclesial tão fecundo em nossa história e que emergiram nas discussões e suas conclusões.

Palavras chaves: continente latino-americano; renovação eclesial, patrologia de Medellín, hermenêutica da libertação, solidariedade cristã.

Abstract

The Conference of Medellín was a landmark in the Latin American Church. The present work approaches this grand event in various dimensions. Our perception is that we need to note the theological and pastoral innovations of the Council that have left their mark on the Conciliar Fathers of this Continent, who have taken seriously the dream of a Church integrated with the contemporary world. Serving us with the paradigms of the priests of the Church, which is another name for the great pastors and theologians of the Patristic period, our main aim is to list the principal *fathers of the Church of this Conference*, creating a *fathership of Medellín*, where we highlight the protagonists of this ecclesial period, so rich in our history, who emerged in its discussions and conclusions.

Key words: Latin American; ecclesial renewal, fathership of Medellín, hermeneutics of liberation, Christian solidarity.

Introdução

Depois de tantos anos, onde a guerra fria assustava a humanidade, depois da queda do muro de Berlim e depois de tantas guerras fratricidas, o planeta terra ainda sofre as agruras do medo de bombas, de guerras e de explosões. A bomba atômica que transformou em pó em Hiroshima e Nagasaki nunca foi julgada e desmascarada, como se fosse um benfeito para finalizar a guerra. As vitórias dos bélicos, que assustam os países menores que não se curvam diante dos imperialismos, ainda fazem milhares de vítimas que, depois de tudo e descaradamente, servem de roteiros para filmes e livros sensacionalistas. Sofremos ainda dos perigos da opressão, dos embargos comerciais e grandes potências vivem ainda da indústria de armas cada vez mais letais e sofisticadas. Os pobres mais ainda se empobreceram e a teoria da dependência ainda gera a miséria dos povos colonizados pelos poderosos do capital. Quase toda riqueza do mundo está nas mãos de poucos grupos e homens vorazes, afoitados em grande narcisismo, comprando fazedores de lei e manipulando detentores dos julgamentos.

Ainda assusta, mais uma vez depois de tantas, a produção de guerras das grandes potências poderosas sobre os territórios dos outros países. Esses grandes prepotentes adoram guerras e as fazem como jogos de divertimento, mas

sempre sobre campos alheios. Nunca promovem guerras entre si, mas guerreiam fortalecendo oposições de outros países. E entre nós, a manipulação da mídia e a sangria da corrupção avassala nossas riquezas agravam as diferenças sociais. São semelhantes aos clamores de Medellín, que completa seu Jubileu de Ouro. Depois de cinco décadas, virando as páginas proféticas daquele singelo e objetivo texto, descobrimos que a realidade ainda clama por justiça e liberdade, por pão e paz. A Igreja urge, como sempre e talvez mais, profetas entre seus pastores, seus consagrados e seus fiéis. Vamos recordar aqueles tempos e entender como Medellín continua sempre atual, nas sendas do Concílio Vaticano II.

1. Medellín nos passos do Concílio Vaticano II.

Seguiu-se ao Concílio Vaticano II, pela necessidade de atuar e implantar as decisões conciliares no continente latino-americano, que vivia sob as garras horríveis das ditaduras implantadas pelos Estados Unidos, em luta contra as tentativas de dominação dos países subjugados pela antiga União Soviética. Passaram-se 50 anos, jubileu de outro, desde os primeiros gritos contra a teoria da dependência e da guerra fria que atemorizava o cenário mundial naqueles dias.

Continua muito atual a profecia e os apelos de Medellín, que transformam a vida da Igreja. Até nossos dias, as luzes que se acenderam naquela histórica e maravilhosa Conferência Episcopal de Medellín, refletem seus raios em nossa caminhada eclesial. Um marco fundamental da Igreja latino-americana. Uma Igreja viva e operante, que se despertava de forma radical para um novo tempo: a fé viva em Jesus da Libertação. Esta fé levava a opções concretas e consequentes, em favor de todo um povo oprimido de um continente maltratado e vilipendiado. Assemelhava-se a uma mineração de carvão, de onde se extrai a riqueza, se revira suas entranhas, se destrói suas superfícies e se abandona para sempre.

Pastores e seu povo assumem uma postura crítica perante a realidade, buscando necessariamente novos métodos de evangelização; creem profundamente que a fé cristã, se verdadeira e não ópio do povo, deveria transformar a realidade. Assim, o Evangelho, fonte inesgotável da ação humana no seio social, torna-se a munição desta revolução do amor cristão que assume as misérias humanas não de forma meramente assistencial, mas buscando respostas para as crises de valores da sociedade. Dom Helder Câmara, um dos luminares desta caminhada, lamenta: *se ofereço um pedaço de pão para um pobre, dizem que sou santo; mas se questiono porque o pobre passa fome, dizem que sou subversivo*. Para além de oferecer o pão, o que a comunidade jamais deixou de fazer, começou-se a questionar a razão de tanta miséria, num continente de imensas riquezas naturais, culturais e humanas.

2. Das pesquisas ao texto.

Num período de estudos, iniciamos as tarefas deste roteiro, através de uma pesquisa genérica dos acontecimentos civis e eclesiais das décadas antecedentes à Conferência, que marcaram a história do mundo naqueles anos. Elementos civis são os fatos ligados à realidade política, social, econômica e cultural. Por sua vez, elementos eclesiais são os eventos presentes na caminhada da Igreja universal e latino-americana. A Igreja atua como interação destas realidades que balouçavam o mundo ocidental; por primeiro denominados anos dourados e logo depois, anos de chumbo.

Por primeiro, a pesquisa trata do cenário que foi o palco vivo da Conferência de Medellín, dividida em duas áreas, sejam o cenário civil e cenário eclesial. Neste espaço, destacamos os eventos que influenciaram ou provocaram a realização desta Conferência e que possibilitaram sua encarnação na vida da Igreja latino-americana. Tendo explanado esta realidade civil e eclesial, fazemos uma *exegese teológica* dos escritos de alguns expoentes da Conferência de Medellín. São verdadeiros profetas, verdadeiros heróis; mártires da caminhada; grandes pastores. Muitos se destacaram dentre os pastores da Igreja Católica, então realizamos uma seleção, buscando nomes que fossem conhecidos e tivessem deixado um legado escrito de fácil acesso bibliográfico. Descreveremos em breves palavras estes pastores e faremos uma análise de seus escritos. Este material é a base da composição de um texto teológico, a partir dos temas mais emergentes nos escritos e atitudes. Podemos cognominar este trabalho como **PATROLOGIA DE MEDELLÍN**, reconhecendo tais pastores teólogos como verdadeiros *Padres da Igreja* da Igreja contemporânea.

3. O mundo agitado e sociedades em erupção.

Por certo, os principais eventos que permeavam os tempos da Conferência de Medellín têm uma relação imediata com sua realização. Alguns destes eventos constituem fatos concretos, outros representam ideologias que provocaram os acontecimentos sociais e eclesiais dentro da Igreja. Mais do que descrever os fatos que se encontram descritos em livros, mídia virtual e apostilas, apreciamos os fatos dentro de um contexto maior, quer dizer a nível mundial e, preferencialmente, em nível de nosso continente. Aqueles anos pós 2ª Guerra Mundial se percebe uma clara maturação dos tempos políticos, com definições claras das ideologias que marcariam, por décadas, o cenário mundial. Ocorrem rupturas significativas, referentes às culturas, comportamentos e organização social. Este é o contexto de Medellín e neste contexto particular brotam na Igreja os grandes profetas do continente no século XX.

O mundo ocidental padecera enormemente na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Definiam-se blocos de lutas ideológicas e políticas e respiravam-se ares de derrota e desilusão, testemunhos de frustração perante a busca de soluções por meios bélicos. A sociedade tinha que se reconstruir, gerar novos valores e, mesmo assim, conviver com os fantasmas dos poderes emergentes a partir do conflito mundial. Todos os acontecimentos sócio-políticos vão refletir esta realidade que se apresenta como *pano de fundo* para os governantes e os intelectuais emergentes. Este contexto de base vai gerar os novos fatos dentro da história nestas décadas.

3.1. Guerras em territórios alheios.

Como acontece em nossos dias, que as grandes potências mundiais promovem guerras, promovendo ameaças planetárias, o fenômeno tem décadas de existência, marcando silêncio controle ideológico de poder e dominação. Assim tem acontecido em vários países como Afeganistão, Irã, Iraque e, atualmente na Síria. Alcançou-se o título *guerra fria*. Tal termo foi cunhado em 1947, por Bernard Baruch, estadista norte-americano. Define a crescente tensão existente entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), anteriores mesmo à Segunda Guerra Mundial.

A guerra-fria garantiu a *paz* entre as duas potências, mas foi sangrenta em seus *satélites políticos*. Este período marcou a corrida armamentista entre o bloco oriental comunista e o bloco ocidental capitalista, com o desenvolvimento das armas nucleares. Testemunham esta corrida, a Guerra da Coreia (1950-1953), do Vietnã (1961-1975), e do Afeganistão (1979-1989), entre tantas, ao revelar a disputa de espaço político, econômico e ideológico das duas grandes potências, que tiveram seu cisma no final da guerra, dividindo a Alemanha (citemos o muro de Berlim) em dois blocos e dominando países mais próximos. Depois, seguir-se-ia a disputa por novos territórios.

Anunciado pelo presidente Truman (11.03.1947) e servindo-se da força militar da ONU os EUA, em nome da paz mundial e da dignidade humana, militarizam todo país ameaçado pela ideologia comunista, propagada pela URSS. Assim, para a Europa instável e com desempregas altíssimos, os norte-americanos criam o Plano Marshall injetando grande soma de dinheiro (13 bilhões de dólares em quatro anos) para evitar a vitória dos partidos comunistas em grande ascensão. Do mesmo modo, a partir dos anos 50 todos os países da OTAN¹ rearmam-se em grande escala a fim de buscar um equilíbrio com o Leste Europeu.

Era eminente a passagem da guerra fria para a guerra nuclear (salientamos a entrada de mísseis soviéticos em Cuba comunista desde 1959 - em outubro de 1962).

¹ OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

Gerou-se, no nível econômico, o crescimento das fábricas de armas e o avanço tecnológico bélico e, no nível cultural, a *síndrome do temor*, de que a guerra fria se esquentasse e destruísse, de um momento a outro, toda a população ocidental.

3.1.1. Ditaduras militares: a reação imperialista.

Vemos simplesmente a repaginação dos fatos. De um lado, as potências tidas capitalistas, com a ditadura do poder econômico, das posses e social e, do outro lado, as ditaduras de Estado, com seus líderes que se eternizam no poder. Do lado capitalista, mudam-se os governantes, mas seguem os sistemas, como se fossem os mesmos governantes que, além de tudo, se revezam no poder; do lado comunista (perdeu-se o termo, mas continua a mesma estrutura), o poder se instala em controles da mídia por fora, pelos governantes. No universo capitalista, o controle da mídia é interno, pois seus proprietários servem ao mercado e selecionam fatos e reflexões sobre os acontecimentos nacionais e internacionais. O painel da América Latina não é diferente nestas décadas: grandes latifúndios, mercado dominante entregue a poucos, salários insuficientes e, em acréscimo, grande violência e corrupção explícita.

Podemos entender Medellín, apreciando o painel histórico daqueles anos de chumbo. As décadas de 50 e 60 geram situações que estão na base das decisões de Medellín; toda a América Latina é transpassada por ditaduras militares, produzidas pelo modelo antiinsurrecional e de Segurança Nacional proposto por Henry Kissinger, Henry Ford e Richard Nixon e, para a manutenção do sistema sócio-econômico capitalista. Algumas datas-chave do início dos regimes ditatoriais são: golpe de Estado em 31 de março de 1964 no Brasil (Castelo Branco); em 21 de agosto de 1971 na Bolívia (Hugo Banzer); em 27 de junho de 1973 no Chile (Augusto Pinochet); em 28 de agosto de 1975 no Peru (F. Morales Bermúdez); em 13 de janeiro de 1976 no Equador (G. Rodríguez Lara); em 24 de março de 1976 na Argentina (Jorge Videla), entre os principais.

As ditaduras militares asseguram a sobrevivência do sistema político conivente com o sistema capitalista, protegido pela ideologia da segurança nacional e do nacionalismo, criando bases legais como atos institucionais, nomeação de bispo para General de Exército (Colômbia), e sistemas denominados *operação Limpeza*, visando jogar na clandestinidade as oposições sociopolíticas e extinguir as forças contrárias aos seus regimes.

A Igreja tenta reagir, colocando-se ao lado do povo e arriscando seus privilégios mais significativos. Destacamos alguns casos de resistência, como Dom Hélder Câmara (na Igreja do Brasil) que é o profeta da denúncia contra o golpe de 64, D. Carlos Parteli (na Igreja do Uruguai) que apoia a resistência dos Tupamaros, enquanto seu episcopado fala de um *esforço de reconciliação* entre o parlamento e a Igreja, a Igreja no Peru que apoia os atos reformistas, fundamenta a opção pelos pobres, a partir da

Teologia da Libertação; e o episcopado mexicano que marca sua opção pelas classes populares e suas lutas. Dom Arturo Llonja exprime esse processo ao afirmar que por todas as partes, *o caminho não se faz sem conflitos*. Igualmente, a Igreja da Nicarágua apoia os sandinistas com Dom Obando y Bravo (1972) que afirma: *A socialização avança a grandes passos na América Latina e deve realizar-se em todos os níveis*. Surgem os movimentos chamados *Delegados da Palavra* que denunciam as ditaduras na Guatemala e Honduras. Temos, em contrapartida, a postura da Argentina e do Chile justificando a ação militar numa linha conservadora. No México a resistência deu-se por meio do compromisso com as *Comunidades Eclesiais de Base*; na Guatemala e Honduras, com o movimento: *Delegados da Palavra*; na Nicarágua, com o *Movimento Sandinista*; na Colômbia, pela guerrilha do ELN (Exército de Libertação Nacional); no Uruguai, com o *Movimento Tupamaro*; no Brasil, com movimentos artísticos, estudantis, operários e outros.

Grandes setores da Igreja, entre pastores, religiosos (as) e leigos (as) resistiram aos ataques militares. Estes provocaram a aniquilação dos movimentos guerrilheiros, a apropriação pelos Estados dos meios de comunicação social, muitas censuras, exílios, prisões, torturas, mortes, efeitos psicossociais, revoltas populares, confronto entre Igreja e Estado, reuniões clandestinas dos ‘subversivos ao governo’ e para o futuro o endividamento de toda a América Latina.

3.1.2. Revoluções socialistas: as contestações.

Medellín é gestado durante vários anos, mas seu período prévio áureo é o ano de 1968, com diversos eventos preparatórios. Esse ano de 1968 é um ano emblemático para o mundo ocidental e mesmo para o mundo oriental. Devido à crise de valores e da cultura, vem-se eclodir os movimentos de contestação como a agitação racial, a juvenil e a estudantil.

Num período anterior, surgem revolucionários que se confrontam com o modelo imperialista norte-americano que impunha ditadores autóctones na defesa dos interesses capitalistas. Aparecem como uma utopia de superação dos dramas sociais. Lembramos a revolução castrista, destacando a figura de Ernesto Che Guevara, que derrubou o ditador Batista, que governava por meio de corrupção impune, com evidente incompetência administrativa, numa irresponsabilidade fiscal e com desrespeito aos direitos humanos, especialmente do povo afro em Cuba. Aparecem outros movimentos guerrilheiros com o objetivo de derrotar as ditaduras militares, realizar a reforma agrária e a alfabetização das massas populares desvinculadas do imperialismo norte-americano: as *repúblicas socialistas* dos camponeses na Colômbia, (são mortos Gaitam, líder liberal e o Padre Camilo Torres que afirma: *a violência camponesa é por falta de divisão no trabalho, isolamento social, conflitos com extra-grupos, sentimento de inferioridade, falta de mobilidade, agressividade*

latente, sectarismo político (CIDOC, 1970, p. 255). O Movimento Nacional Revolucionário (MNR) na Bolívia, destruído pelo general sanguinário René Barrientos, o Movimento de Libertação Nacional na Guatemala, bombardeada pelos EUA (18.06.1954). Surge neste período a Nova Organização Anti-comunista (NOA), que destrói o grupo guerrilheiro CADEG, matando 2880 intelectuais. Outras revoluções nacionais surgem na década posterior, como a Revolução Nicaraguense (contra o governo ditatorial de Somosa, no poder desde 1936) liderada pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), bem como a Guerra Salvadorenha, liderada pelo movimento guerrilheiro *Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional*, e, na Argentina e no Chile, onde, por meio de golpes militares são desmobilizadas cruelmente as lutas populares pelos direitos civis (DUSSEL, 1982, p. 481).

Não podemos nos esquecer da *gloriosa revolução*, que foi a máscara usada pelos militares no Brasil, para maquiá-lo o golpe militar de março de 1964.

3.1.3. A Revolução Cultural: ruptura axiológica.

A década de 60 é considerada a década da contestação e da imaginação marcada pelo inconformismo, pela crítica à sociedade de consumo, pela recusa dos modelos anteriores, pela busca de maior liberdade com a intenção de provocar a não acomodação e não alienação.

A música rock, tendo como símbolo o *Maio francês* e outras expressões artístico-culturais, manifestava a inquietação social juvenil. Revelavam-se nas artes: no cinema temos Bergman e Buñuel; no teatro, a *estética da agressão*; na literatura, o ilogismo e as narrativas sem enredo. E, nas músicas dos Beatles, Rolling Stones ou Bob Dylan, a revelação dos valores da contracultura. Os hippies tomaram-se um estilo de vida, ostentando o símbolo *paz e amor*. No meio universitário surge a *nova esquerda*.

O movimento *underground* aparece nos anos 60 liderado por Martin Luther King (pastor luterano nos EUA), seguido do *Gay Power*, e do *Women's Lib*. Pregavam a desobediência civil e a não-violência. Tais movimentos foram os grandes protagonistas que desencadearam revoluções. Foram mais sociodramas do que revoluções, mas questionaram profundamente a sociedade estabelecida e destruíram a consciência ingênua das burguesias. Este emaranhado riquíssimo de eventos e mentalidades vai fecundar a Conferência de Medellín que representará o posicionamento da Igreja perante esta realidade histórica do continente latino-americano.

4. Universo Eclesial em renovação.

Depois de longos anos numa espécie de exílio e de ruptura com a sociedade civil, particularmente como rejeição aos movimentos modernistas - na cultura,

na política e na vida social – a Igreja procura estar mais atenta aos acontecimentos que vão fermentando as mentalidades na década de 50 e, particularmente, nos anos 60. Todos os fatos que permeiam a vida humana passam a refletir-se nos vários setores da Igreja, que por sua vez, procura entrar em diálogo com estas realidades e dar respostas atualizadas, para que a prática religiosa não se restrinja a guetos, enclausurados em relação ao mundo.

Alguns eventos marcaram profundamente a vida eclesial deste período e estão em relação intrínseca com o evento celebrado em Medellín. O relato sucinto destes fatos servirá para descrever o contexto da Conferência que se deu em terras colombianas.

4.1. Concílio Vaticano II: interação Igreja-mundo.

O Concílio Vaticano II, inaugurado pelo Papa João XXIII (11.10.1962) e concluído pelo Papa Paulo VI (08/12/1965), tem uma dimensão pastoral cujo objetivo é transmitir aos homens e mulheres contemporâneos o mistério de Cristo, presente na Igreja, para a transformação da sociedade e esperança para toda a humanidade, *pois [o Concílio] não foi provocado por heresias ou desvios regionais; ele é mais pastoral e tem uma dimensão planetária, pois seus temas têm uma universalidade* (LATOURELLE, 1994, p. 1043).

As votações foram normalmente unânimes e buscavam a renovação e atualização da Igreja Católica, despertando nela uma consciência mais viva da realidade que vivia, diante dos valores e problemas do mundo. Neste sentido o Vaticano II, trouxe:

- a) Consciência e renovação da Igreja, como renovação e base para novos métodos pastorais, visando uma pregação mais coesa do Evangelho;
- b) Diálogo da Igreja com o mundo moderno;
- c) Esforço pelo restabelecimento da unidade cristã.

Merecem destaque os pensamentos dos dois papas que foram expoentes fundamentais deste Concílio, mostrando a necessidade e urgência que sentiam para que a Igreja se integrasse na história humana contemporânea. Assim João XXIII dizia: *queria fazer a Igreja entrar na história e na sociedade do século XX, pois ela não é nenhuma cidadela e nenhum museu, mas antes, é um jardim que não cessa de florescer. ... Queria que a Igreja correspondesse às exigências do mundo de hoje, sem ferir a tradição* (LATOURELLE, 1994, p. 1044). E afirmava Paulo VI: *conhecia bem as tensões que existiam entre os conservadores, progressistas e indecisos. O essencial era a renovação da Igreja e a reaproximação com as Igrejas separadas* (LATOURELLE, 1994, p. 1045).

Destacamos as principais conquistas deste grande acontecimento da Igreja universal:

- a. Diálogo: com o mundo e outras religiões cristãs e mesmo não cristãs;
- b. Serviços: uma nova imagem dos ministros, quer dizer não mais chefes, mas pastores, que ensinam e anunciam o Evangelho de Cristo.
- c. Eclesiologia: uma comunidade eclesial que, além de instituição, fosse mistério de comunhão, não piramidal, mas participativa.
- d. Liturgia: celebração do povo de Deus, que oferta e sacrifica, unindo o mistério de Cristo às realidades vividas pelos seus celebrantes (LATOURELLE, 1994, p. 1046).

Abrem-se novos horizontes nos estudos bíblicos, teológicos e humanísticos, sem perder seu rigor especulativo, levando ao diálogo com o pensamento religioso moderno. O mundo entra na Igreja e a Igreja entra no mundo.

Neste sentido o Vaticano II, vai ser uma luz para Medellín, encarnando-se na realidade deste continente.

4.2. CELAM: ideal libertador.

Os pastores da Igreja na América Latina sempre foram uma referência para o povo de Deus, particularmente para os sacerdotes, religiosos e leigos. São bem poucas as referências de bispos mais preocupados com o poder e o luxo. Em geral, os pastores e com eles, o presbiterado e as congregações religiosas se converteram para a simplicidade e para a missão com o povo de Deus, particularmente os mais pobres. Sem intromissão em partidos, optaram pelos movimentos de luta e resistências dos mais pobres e enfraquecidos da sociedade, extremamente capitalista e desigual. Mesmo que tenham surgido movimentos organizados com teor fascista na sociedade e integralista na Igreja, vemos as posturas eclesiais sempre voltadas para os projetos de transformação social, como a ficha limpa, os direitos dos indígenas e dos favelados e a ética. Basta pensar no movimento **Brasil Ético**, que busca refletir e denunciar o mar de lamas que se tornou nossos políticos, os grandes empresários, com a complacência ou conivência do poder judiciário. Voltemos nos tempos de Medellín para reconhecer a estrutura e o envolvimento da Igreja diante da realidade social, econômica e política.

Graças aos esforços de Dom Helder Câmara, a Pré-Conferência Episcopal Latino-Americana (Rio de Janeiro - 1955) criou o CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). Nasce como órgão de contato e colaboração com as

conferências episcopais, sendo uma expressão de colegialidade e buscando a intercomunicação das igrejas particulares do continente. Teve como sede, após algumas reuniões de consulta, Bogotá, a capital colombiana, uma cidade latino-americana.

A entidade surge na busca de novas fórmulas para a solução dos problemas religiosos da América Latina como a grave falta de sacerdotes e sua formação, as novas formas de evangelização e de apostolado adaptadas à América Latina e a pregação da justiça social baseada na doutrina social da Igreja.

Alguns frutos surgem imediatamente como a criação de institutos latino-americanos ou seções do próprio CELAM, dedicados à coordenação de diferentes setores da ação eclesial. Este órgão episcopal prepara a Conferência Episcopal Latino-americana de Medellín (organização, ambientação, motivação e espírito). Reunidos em Lima (Peru), em novembro de 1967, os dirigentes do CELAM aprovaram corajosamente o seguinte tema central para as discussões da Assembléia de Medellín: *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Vaticano II*.

Em janeiro de 1968, em Bogotá, a equipe de estudo preparatória elaborou um texto dividido em três partes, que deu origem a um documento de trabalho estruturado na base do método *ver, julgar e agir*. São elas: uma visão integral das realidades latino-americanas, uma reflexão teológica sobre as mesmas realidades e consequências pastorais para a ação da Igreja na América Latina.

4.3. CNBB a serviço dos oprimidos.

Os Bispos do Brasil estão entre aqueles que mais se envolveram historicamente com as lutas sociais; bem diferentes de alguns países latino-americanos que se coligaram com os poderes constituídos e os legitimavam. Sempre à frente da Conferência dos Bispos do Brasil estiveram pastores engajados. Poucos nomes se afastavam destes propósitos e eram cooptados pelas mídias e pelos governantes, que lhes recompensava com apoio financeiro ou privilégios.

Voltamos à figura mais proeminente daqueles tempos. Assim, Dom Helder é a figura central e articuladora na criação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Dedicando seu ministério à Ação Católica (fora vice-assistente nacional em 1947), tomou contato com a realidade pastoral do país, sentindo assim a necessidade da coesão do episcopado brasileiro na ação pastoral.

Articulou dois encontros regionais: a reunião dos bispos em Manaus (julho de 1952) e a dos bispos do Vale do Rio São Francisco (agosto de 1952). A partir destes passos, deu-se a fundação da CNBB, no dia 14 de outubro de 1952, no palácio São Joaquim. O mesmo D. Helder foi o secretário do encontro. Presentes no evento estavam o núncio apostólico, *Dom Carlos Chiaria*, os dois cardeais brasileiros e cerca de vinte arcebispos e bispos.

Em Medellín (1969), Dom Helder foi delegado do episcopado brasileiro. A votação dos delegados para Medellín causou algumas críticas por parte do arcebispo de Diamantina, Dom Sigaud, que declarou *a delegação brasileira à II Conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano não é representativa, porque a eleição foi desleal e resultante de manobra hábil da presidência da CNBB* (ÚLTIMA HORA, 21/08/69). Após esta declaração muitos bispos e padres dirigiram uma carta ao Núncio Apostólico, urgindo a necessidade dos bispos professarem a colegialidade e a importância das Conferências Nacionais.

Depois de alguns períodos de dificuldades com o golpe de 64, a CNBB ressurge em 1971, apoiando-se no documento de Medellín, que serviu de estímulo para se criar no Brasil respostas aos desafios dos tempos. Alguns movimentos marcaram a presença histórica da Igreja. Damos o exemplo da Ação Católica.

4.4. Ação católica: uma pastoral engajada.

Mesmo que nos últimos anos, particularmente depois da década de 90, pulularam movimentos conservadores na Igreja, com o intuito de fazer frente ao pentecostalismo evangélico e à perda percentual dos católicos no país, a Igreja continuou seus movimentos sociais e participou das lutas dos oprimidos. A CNBB tem dado importantes testemunhos diante das mazelas do Estado constituído nos três poderes; mesmo que com o desapontamento de grupos pseudocatólicos e personagens internéticos que bradam contra suas posições religiosas, rituais e políticas.

São muitos os grupos que lutam pelos favelados (mudem-se o nome para *comunidade*, massa não passa de engodo), pelos imigrantes, refugiados, desempregados e tantos outros. As periferias existenciais, como nomeia o Papa Francisco, continua sempre no coração da Igreja.

Voltemos nas décadas e encontramos vários movimentos de resistência cristã e católica. A Ação Católica vem para o Brasil sob o impulso de Pio XI, que escreve ao cardeal Dom Leme, mostrando sua importância como ação pastoral em diversos níveis. Oficializada em 1935, na festa de Pentecostes, alia-se à burguesia dominante, porém ao assumir o método *ver, julgar e agir*, toma um rosto crítico e torna-se a expressão dos vários setores do laicato. Citamos a JOC (Juventude Operária Católica), aprovada em 1948.

No Brasil, a Ação Católica tem duas etapas: a ACG (Ação Católica Geral), proveniente da Ação Católica Italiana, impulsionada por D. Leme, e, a ACE (Ação Católica Especializada), impulsionada pelo então padre. Helder Câmara (assistente nacional em 1947), que tem por meta a inserção na realidade (apreensão da realidade e análise com o auxílio das ciências humanas) e na pedagogia da ação (esforço de agir pedagógico nas massas populares, levando ao engajamento sócio-político).

Nos seus diversos movimentos (JAC, JEC, JOC e JUC), a Ação Católica trouxe novas bases pastorais, novo estilo de coordenação, engajamento social e político e renovação catequética e litúrgica, levando a uma fecunda participação dos católicos conscientes nos meios de comunicação social, nas instituições educacionais e, em menor escala, na renovação paroquial. Este dinamismo da pastoral em toda América Latina é propulsor da Conferência Episcopal de Medellín.

4.5. CEBs: novo modo de ser Igreja

Foi mais que um movimento eclesial. As CEBs mudaram a história e o contexto da Igreja para sempre. Simplicidade, convivência e integração continuam como grande ideal de nossa prática cristã. Renovou-se a concepção de comunidade eclesial. Numa nova maneira de conceber a comunidade eclesial, as CEBs nascem de duas vertentes: primeiramente o contexto sociocultural e eclesial brasileiro, que tem como base as experiências pastorais e políticas das décadas de 50 e 60; e, em segundo lugar, o contexto eclesial com motivações vindas do Concílio Vaticano II. Contrastam-se à luz renovadora da Igreja e sua efervescência popular e a noite repressiva do golpe militar.

A experiência das CEBs marca a partilha da mesma fé: são comunidades, porque as pessoas se *unem por laços de solidariedade e de compromisso de vida*; são eclesiais, porque *constituídas de cristãos reunidos em razão de sua fé e em comunhão com toda a Igreja*; são de base, porque *integradas por pessoas das camadas populares* (TEIXEIRA, 1988, p. 305).

Normalmente originadas por motivações religiosas ou sociais, as CEBs podem surgir também por necessidade de uma ação pastoral mais libertadora, por exemplo, como para resolver o problema de moradia de um bairro.

Nas CEBs, um grande papel é exercido pelos animadores, pessoas provenientes da própria base popular, que assumem certas responsabilidades, tais como, o culto, a catequese, a reflexão bíblica, a ação social, etc.; e pelos agentes de pastoral, geralmente padres ou religiosas que acompanham a história da comunidade e, com seu carisma, dinamizam o trabalho pastoral.

Embora não seja algo fácil de precisar, a origem das CEBs está ligada à experiência de renovação pastoral, empreendida por Mons. Expedito, em São Paulo do Potengi (RN). Esta experiência significou, pela primeira vez, o rompimento com o quadro tradicional de pastoral paroquial, possibilitando *a participação muito ativa de todos os membros do povo de Deus comprometido com as transformações sociais, ditadas pelas exigências evangélicas* (BARROS, 1994, p. 180).

As CEBs já existiam antes de Medellín, mas foi a partir de então que elas ganharam *foro de cidadania*, pois Medellín significou, propriamente, *o reconhecimento a nível institucional das CEBs, enquanto acontecimento eclesial* (TEIXEIRA, 1988, p. 294).

4.6. Libertar pela teologia: bases místicas e hermenêuticas.

Mais que um título; é preciso que a teologia leve à purificação do ser humano, a rever as estruturas ultrapassadas e a renovar a imagem de Deus na história. É preciso uma nova formatação dos conteúdos e dos métodos da reflexão teológica. Uma nova metodologia de refletir e propor o dado da fé parte das práticas de lutas de libertação, cristãs ou não, num comprometimento social e político. Nasce da sensibilidade pela causa dos que sofrem em escala continental, levando a uma postura política de libertação, através de uma releitura da história, das escrituras, da liturgia e da doutrina. Reinterpretando o livro do Êxodo, reflete seu conteúdo a partir da vida concreta do povo que sofre, sobretudo do grande anseio de libertação atual. O grito dos oprimidos do Terceiro Mundo transforma-se em matéria-prima, para uma reflexão de esperança messiânica por uma sociedade mais livre e fraterna. Segundo o *Pai* da Teologia da Libertação, Gustavo Gutiérrez, em um dos seus primeiros discursos, a conferência em Genebra (Suíça) em 1969, a Teologia da Libertação *trata da libertação como reflexão crítica sobre a práxis da Igreja ou dos cristãos, não da práxis histórica do homem em geral, independente da sua fé* (GARCIA, 1977, p. 32).

A Teologia da Libertação recuperou na ação pastoral o profetismo cristão baseado em Javé, o Deus comprometido com a libertação. A religião não será mais o simples ato devocional; mas, o feijão e o arroz, que alimenta o povo e dá força para a caminhada. Assumindo assim a mensagem radical do Cristo histórico, fazendo a ligação entre fé e vida à luz da palavra de Deus, focalizando a força política presente no Evangelho e assumindo o compromisso com o pobre, não de forma paternalista, mas misturando-se no submundo excluído, procura alternativas para o nascer de um novo dia.

No Brasil e nos diversos países latino-americanos nascem as comunidades, que encontram na Bíblia a grande arma para enfrentar as injustiças por fazer as suas reflexões e celebrações a partir dela. Para que tal trabalho tivesse êxito, o teólogo Carlos Mesters assume um projeto bíblico de reflexão a partir do cotidiano sofrido do povo, procurando *desvaticanizar* e denunciar o perigo do clericalismo e do centralismo da Igreja. É a religião sendo um meio de libertação e não mais o *ópio do povo*. Era uma Igreja *com um pé na Bíblia e outro no chão* (MESTERS, 1994, p. 67).

Neste *novo modo de ser Igreja*, os pobres passam a ser sujeitos da evangelização. Para que tal trabalho tenha êxito, a teologia busca a mediação nas ciências sociais e desse modo ter uma maior compreensão e eficácia no trabalho libertador. Um grande desafio para a prática libertadora no final de século e novo milênio foi a definição mais clara sobre a fé na reflexão da práxis libertadora; procura-se cada vez mais entender a vivência e o jeito que o povo sofrido celebra a sua fé, além da definição do seu perfil epistemológico. Esta nova postura

teológica vai estar presente na reflexão que anima a Conferência de Medellín e tomará possível a sua propagação na Igreja Latino-americana.

5. O grande evento: Conferência de Medellín.

Passaram-se 50 anos e celebramos o grande jubileu. É uma Conferência que marcou a história da Igreja e continua nos interpelando. A realização da Conferência de Medellín, sugerida por Monsenhor Larraín, para atualizar e aplicar na América Latina as decisões conciliares; foi precedida de várias reuniões que tiveram ressonância depois de quando aconteceu a assembleia.

Na X Reunião Anual do CELAM, realizada em Mar del Plata (Argentina) em outubro de 1966, deram-se os primeiros passos para a organização da conferência. Na busca de uma maior contribuição da Igreja no processo de desenvolvimento e integração da América Latina, foi esboçada a estrutura tripartida de *Fatos-Reflexão-Recomendações* (MAQUEO, 1977, p. 81) adotada nos documentos sucessivos. As conclusões desta reunião foram enviadas ao Papa com o propósito de que se continuaria *estudando e traduzindo em experiência o fruto de nossas reflexões* (CELAM, 1967, p. 40).

Este propósito, somado à contribuição da encíclica *Populorum Progressio*, faz crescer o anseio de uma pastoral *de ação efetiva e intensa* de todo o Episcopado Latino-americano. Com esta motivação realiza-se o Encontro de Presidentes de Comissões Episcopais de Ação Social, realizado em maio de 1968 em Itapoã (Brasil). Este encontro será marcado por uma reflexão teológica sobre o desenvolvimento, inclusive ressaltando a deficiência e ambiguidade da teologia conciliar e pós-conciliar européia para com os temas latino-americanos e propõe a que tal trabalho seja aqui promovido.

O I Encontro sobre Pastoral de Missões na América Latina realizado em abril de 1968, em Melgar (Colômbia), exercerá especial influência nas indicações pastorais de Medellín. À luz da eclesiologia do Vaticano II, questionará o sentido da missão e da Igreja manifestando não só a *inadequação ou crise da cultura missionária, senão a crise da concepção eclesiológica que a suportava* (CELAM, 1967, p. 83). Ao apontar para a unidade da história, superando a eclesiologia do Vaticano II, Melgar será *um marco no processo à teologia da libertação* (CELAM, 1967, p. 85).

5.1. A patrologia de Medellín.

Voltemos séculos na história da Igreja. Grandes padres da Igreja deram suas vidas para engrandecer a presença cristã entre os povos. Escreveram verdadeiros tratados de fé, liturgia e moral, mas, sobretudo, deram testemunho de amor

a Deus no serviço aos fiéis de Jesus Cristo. São os Padres da Igreja; verdadeiros pastores que uniam a reflexão com a ação, que refletiam, escreviam e celebravam numa integração com o que viviam e praticavam.

Medellín, seus anos e seus escritos também foram edificados por grandes pastores que cuidaram da questão eclesial, doutrinal e moral; pastores autênticos que davam testemunho do amor de Cristo, na caminhada com os mais pobres.

Destacamos grandes pastores que foram responsáveis pelas ideias que formam o núcleo do documento final da Assembleia. Nós propomos o que se poderia chamar a **patrologia de Medellín**. Trata-se de um humilde esforço de reconhecer e resgatar o pensamento teológico de alguns *Padres* a que antecederam a esta Conferência e que iluminaram as reflexões e as decisões primordiais dos representantes do episcopado. A metodologia de trabalho e de pesquisa mostra uma busca incessante de um pensamento teológico que possa levar a uma compreensão das razões e motivações que se encontram nas posições teológicas e pastorais destes *santos padres* de Medellín. Dentre os inúmeros *Padres* - pastores e teólogos - foi difícil fazer uma escolha para determinar quais seriam os mais destacados, caindo nossa opção sobre Dom Helder Câmara, bispo da Igreja do Brasil (Recife-Olinda), Dom Enrique A. Angelelli, bispo da Igreja da Argentina (Rioja), Dom Leônidas Proaño, bispo da Igreja do Equador (Riobamba) e ainda Dom Antonio Fragoso, bispo da Igreja do Brasil (Crateús/CE).

A partir de temas importantes dentro da teologia, como a teologia da história, a eclesiologia, a cristologia, a mariologia, a liturgia e as questões da moral social, procurou-se fazer uma leitura aprofundada de seus escritos, destacando o pensamento teológico destes padres da Igreja, nestas diversas áreas. Assim, através do pensamento teológico destes *padres da Igreja em Medellín*, podemos compreender o rosto de sua fé e de sua prática cristã.

Os escritos trazem reflexões anteriores e mesmo posteriores à realização da Conferência, mas mostram sempre o pensamento que predominava entre os realizadores naqueles anos áureos da reflexão teológica em nosso continente latino-americano.

5.2. Pastores, profetas e irmãos.

Os *Padres latino-americanos* ao contribuir com o anseio de libertação total do ser humano oprimido pelo sistema econômico, político e social, tanto por seus escritos, como por suas atitudes, manifestaram autêntica atitude profética. Eles se mostram comprometidos com a transformação da sociedade e denunciavam o sistema vigente como produtor de miséria e injustiça. Dom Helder Câmara afirma que *diante das injustiças geradas pela má distribuição da riqueza é necessário captar os protestos silenciosos ou violentos dos pobres. E o protesto dos pobres é a voz de Deus* (FRAGOSO, s/d, p. 140).

Denunciando a estrutura que coíbe toda e qualquer iniciativa de libertação, mostra que é preciso empenhar-se numa união das *minorias abraâmicas*, gerando uma pressão moral libertadora, que deverá ser pacífica, em oposição à violência explosiva e armada (FRAGOSO, s/d, pp.80-81).

Os *Padres da Igreja de Medellín* são sensíveis aos sinais do seu tempo e querem unir as forças religiosas para viver e fazer viver o amor e para denunciar e superar o medo tanto nos oprimidos, quanto nos opressores, que têm medo de perder os bens. Os oprimidos, porque se julgam irremediavelmente sem quaisquer possibilidades de tê-los, estão excluídos (FRAGOSO, s/d, p. 60).

D. Fragoso atesta que a Igreja é o sinal sensível de misericórdia do Pai e da sua libertação. Afirma ser preciso anunciar e tornar real a libertação do pecado individual e coletivo do egoísmo nas suas manifestações modernas, tais como: colonialismo, imperialismo, alienação, discriminação racial e social. Ele enfatiza que o mundo está armado a serviço da destruição, em face dos interesses econômicos, onde predomina uma ideologia de morte. Enquanto Igreja, devemos suscitar no coração uma esperança viva para com o povo sofrido e abandonado (FRAGOSO, s/d, p. 140).

A Igreja deve tomar sobre si a causa da justiça em favor dos pobres. O povo oprimido é identificado a uma imensa esperança em Cristo, que fortifica e dá coragem ao novo rosto da Igreja (FRAGOSO, s/d, p.120).

Dom Angelelli é um pastor sensível à realidade de sua gente, faz-se o poeta dos pobres. Podemos ouvir sua voz: *Minha vida foi como um rio pequeno a anunciar aleluia aos pobres. E é no silêncio e na poesia que brotam palavras de vida e coragem, de anúncio e denúncia. Tece críticas à sociedade moderna, com tantas técnicas e artes, mas que desconhece a paz e o amor promovidos pelo evangelho do poder, que é a Boa Nova* (ANGELELLI, 1976, p. 12).

Dom Proaño assume a identidade cultural de seu rebanho, um povo de indígenas empobrecidos e vilipendiados, destituído de seus bens e que vê suas terras e seus costumes serem sequestrados de forma vergonhosa pelos possuidores dos meios de produção capitalista. Faz-se a voz dos pequenos e vive a realidade sofrida daqueles indígenas, que assumiu como seus irmãos.

5.3. Pastores com *cheiro do povo*.

Nestes *Padres da Igreja*, a concepção de história é profundamente marcada pela experiência religiosa vivida em seu contexto eclesial. Olham os acontecimentos históricos aos olhos da fé, pois *Deus interage na história* (FRAGOSO, 1982, p. 35). Deus se faz presente na história não como *presença estática ou observador neutro*, mas, sua presença *faz a história viva e dinâmica, sempre nova* (ANGELELLI, 1976, p. 62). Falamos de um Deus partidário, que viu e ouviu o clamor do povo sofrido (Ex 3, 20) e *desce* para aí realizar a libertação.

Estes *Padres da Igreja* excluem o fatalismo ou pré-determinismo. A realidade humana deve ser dinamicamente construída, *não individualmente, mas em conjunto, por meio de organizações* (FRAGOSO, 1982, p. 35). É preciso que o ideal místico forme coesão e mesmo assim preserve a identidade pessoal *onde o homem se faz rosto e a história de faz povo* (ANGELELLI, 1976, p. 17).

Dentro desta concepção histórica o cristão não pode viver isolado, enclausurado em sua fé, buscando sentido de vida numa história transcendental, pois *é loucura querer ser santo fora do espaço político* (FRAGOSO, s/d, p. 140). Era urgente que os cristãos formassem uma consciência política para ser vivida dentro da comunidade de fé, não como um fim em si mesmo, para que a política não se torne politicagem, mas como um instrumental útil, que poderia proporcionar maior eficiência na promoção humana e por consequência também na difusão da Palavra de Deus, que é a principal missão da Igreja.

Para os *Padres da Igreja de Medellín*, os avanços históricos trazem novos desafios, que devem ser enfrentados. O cristão deve estar disposto a viver nestes novos tempos, encarnando a realidade, a partir da ótica evangélica.

Apesar das forças do mal e da morte, vemos um grande otimismo por parte destes padres, pois a Igreja tem a missão de transformar a História, colocando o excluído dentro da sociedade, para que possa haver uma libertação integral e surgir na História um novo rosto, iluminado pelo rosto do Cristo Ressuscitado.

5.4. Patrística latino-americana: novos Padres da Igreja.

Os *Padres da Igreja de Medellín* assumem plenamente uma nova dimensão eclesiológica para o continente. Sem perder o seu aspecto de *corpo místico de Cristo*, alimentado pela fé e pela mística do Senhor da paixão e da ressurreição, convertem-se a um rosto de Igreja, que tem por sujeito os seus povos sofridos e maltratados da história de sangue e morte desta gente, que reza e louva o Senhor em nossas assembleias. Geram-se novas dimensões eclesiais, novos métodos de pastoral, novas liturgias e nova visão de serviço e hierarquia.

Podemos analisar a expressão de Dom Helder Câmara, que mostra que *a Igreja latino-americana quer encontrar suas próprias forças de expressão, sua originalidade, seus carismas específicos no seio da Igreja Universal, colocando-os a serviço da humanidade para responder ao atual desafio da história* (CAMARA, 1968, p. 33). A Igreja deve ser profética e comprometida com a história da salvação e sinal da promessa divina e realizar a antropologia do homem novo em evolução social. Crê que a meta a atingir é a de um ser livre e consciente, numa progressiva libertação de mil servidões; para que possa crescer uma liberdade fundamental: ser livre, até libertar-se de si mesmo e poder doar-se aos demais (CAMARA, 1968, p. 30).

A Igreja deve cooperar na formulação dos valores fundamentais da sociedade, denunciando o pecado coletivo das estruturas injustas e reconhecer a sua parcela de culpa. Ela, como Igreja de serviço, tem que manter a relação com as massas, com os grupos diversos, com as organizações políticas numa atitude de serviço e de diálogo, desfazendo-se de sua força de prestígio e do poder e se tornando presença reveladora de Deus. *A Igreja não se marginaliza na história. Ela vive no coração da história através de seus leigos livres, adultos e responsáveis* (CAMARA, 1968, p. 46).

Na realidade dos camponeses, Dom A. Fragoso, quer conscientizá-los de sua dignidade, numa Igreja de irmãos e irmãs em igualdade, que caminham de mãos dadas, lutando pela justiça e à frente das necessidades humanas. Uma Igreja da esperança, que está sempre se redescobrimdo como peregrina: serva e pobre (FRAGOSO, s/d, p. 21).

A Igreja tem que ser sinal de misericórdia do Pai, de libertação e salvação, onde o pobre e o fraco, devem ocupar seu lugar na sua missão profética e pastoral (FRAGOSO, s/d, pp. 139-140).

Dom E. Angelelli quer construir uma Igreja na qual os ministros e os leigos formem uma comunidade de amor e de doação, que *possa brindar toda a Argentina e quem sabe o mundo, com o testemunho de uma unidade indestrutível, um sinal de unidade muito difícil de encontrar em nossos tempos e mesmo em nossa própria Igreja* (ANGELELLI, 1978, p. 252).

Dom L. Proafio, inspirado no Concílio Vaticano II, busca realizar uma comunidade eclesial dinâmica e em contínua transformação. Procura uma nova identidade do ministério sacerdotal, dos religiosos e das religiosas e, de modo particular dos bispos, encarnada na realidade, aberta às mudanças, em permanente atitude de reflexão e descoberta, comunitário na inserção, na ação e na reflexão.

Temos a gênese de uma eclesiologia marcada pelo rosto do povo sofredor, na qual os ministérios são colocados em favor da luta pela vida e pela transformação da história em Reino de Deus.

5.5. Servo sofredor, sem tronos e palácios.

Partindo da ênfase dada a Jesus, homem da história, imagem personificada do *povo-servo* sofredor, os *Padres da Igreja de Medellín* esboçam uma cristologia que brota da história, quer dizer, de baixo para cima. Igualmente, a imagem mariana é vinculada à realidade, uma mulher altamente mística, mas sem o *glamour* espiritualista.

Descortina-se o Jesus que abandona a condição divina, ele se faz pobre, servo e se torna mensageiro da justiça e da dignidade para as massas sofredoras do povo. Ele não tem rosto, tem cara e esta cara reflete o faminto, injustiçado, maltrapilho e desprezado. Faz-se pequeno com os pequenos, para juntos empreenderem a luta pela sua dignidade. Esta é a visão cristológica de Dom H. Câmara (SUENENS e CAMARA, 1979, p. 27).

Em Dom E. Angelelli, descobrimos um Cristo comprometido com a causa dos pobres, caminhante com o povo e presente na história, ao lado dos oprimidos, pés descalços, pés no chão. Quando parte de La Rioja (06.08.1976) ele clama: *Obrigado, querido hermano, porque foste crucificado nestes caminhos que tantas vezes percorreste buscando os irmãos, como Cristo, e repetiste em nosso tempo e ao nosso lado, nesta Rioja que quiseste molhar com teu sangue ...* (ANGELELLI, 1978, p. 252).

Também a voz de Dom L. Proaño apresenta uma cristologia ativa e dinâmica, centralizada num Cristo revolucionário, que quer transformar, com sua mensagem, a sociedade pecadora, provocando-a para viver o amor e a justiça, através de um compromisso corajoso que se coloque na defesa dos irmãos. Ele afirma que *Deus deseja a libertação do povo. Foi por isso que enviou seu Filho: para mostrar e destruir o mundo de egoísmo criado pelo homem e anunciar o Reino de Deus* (PROAÑO, 1992, pp. 214 e 215).

O Cristo professado por Dom A. Fragozo assume um compromisso com a causa da libertação. Portanto, a fé em Jesus exige uma educação para a luta: luta pelo Reino, luta pela justiça encarnada em todos os projetos humanos, e que tem como pressuposto o diálogo e a transformação da sociedade. Assim, somos cristãos, que devemos estar sempre a caminho. E o Cristo que vai conosco para a luta se encontra, ao mesmo tempo, ao longo do caminho e nos estende as mãos. São seus pobres e oprimidos.

Na sua concepção mariológica, a Mãe de Deus está a caminho, na busca dos pobres. Esta é a metáfora da visita a Isabel. Vai ao encontro para servir e para libertar. Esta é a imagem de uma prática a ser desenvolvida por toda a Igreja, num gesto acolhedor de quem vai ao encontro dos mais necessitados. Imagem semelhante nos apresenta Dom H. Câmara, que confirma o canto de Maria (Lc 1, 26-51) como adesão à causa dos pobres, contra os poderosos (CAMARA, 1968, p. 57).

5.6. Celebrar na dor e na alegria.

As perspectivas litúrgicas, que nortearam estes *Padres da Igreja de Medellín*, vi-savam celebrações com linguagem e simbologia compreensíveis para o povo latino-americano e implicavam o celebrar a partir da vida e do cotidiano das comunidades.

Citamos, por exemplo, Dom H. Câmara, que faz uma crítica aos nossos ritos, afirmando que *o ritual utilizado nos terreiros são criados à imagem e semelhança das pessoas que ali participam; ao passo que a liturgia católica está moldada em formas burguesas* (VV.AA., s/d, p. 228). Considera que a liturgia não deve ser algo impessoal, mas deve valorizar as relações humanas e o contato pessoal.

Por sua vez, Dom L. Proaño manifesta sua preocupação quanto à participação das massas nos atos celebrativos, que não deve ser apenas tradicional e formal, mas de conversão. Nas suas palavras, a participação *consiste na purificação do coração*,

justiça aos pobres e oprimidos, evitando o ídolo do dinheiro, que é atualmente o bezerro de ouro, isto é, respeitar a imagem viva de Deus do que aquela feita por mãos humanas (PROAÑO, 1973, p. 270). Seu ideal litúrgico é a participação na liturgia e a verdadeira conversão, mediante um compromisso com a vida real.

Dom A. Fragoso remete-nos à questão da importância da participação, da simbologia encarnada, da inculturação popular. Ele nos remete *a uma busca de expressão litúrgica, de linguagem, de gestos, de símbolos, de palavras que acolham e revelem a caminhada do povo em luta por sua libertação. Não aceitamos o imobilismo, o fixismo legalista, mas, não descobrimos ainda como incorporar a cultura popular e o processo de libertação, na Liturgia* (FRAGOSO, 1982, p. 34). Dom A. Fragoso distingue a *liturgia oficial* da *liturgia popular*. Para ele, a primeira é portadora de grandes riquezas multisseculares, mas fortemente estereotipada, centralizada, apontando mais para a ortodoxia teológica, enquanto a segunda aponta para um universo religioso, simbólico, afetivo, quase desconhecido dos teólogos, pastores e intelectuais.

Dom E. Angelelli, a partir da poesia, faz uma ligação da liturgia com a vida, voltando o seu pensamento para as questões que sobrepõe à violência e à opressão. Questionando a padronização romana ele a contrapõe à libertação, tendo em vista os anseios latino-americanos. Para isso, segundo Dom E. Angelelli, a cruz é símbolo de vida que se apoia na rocha firme, profunda e sólida, símbolo do Cristo que morre e ressuscita para que encontremos a fonte da vida. Portanto, para ele, *a liturgia perpassa a vida como num todo, numa poesia* (ANGELELLI, 1876, p.62).

Tendo em vista a concepção desses quatro bispos latino-americanos, podemos dizer que a preocupação de cada um deles se centraliza na questão de elaborar (construir) uma liturgia voltada para a simbologia ligada às realidades do homem, levando em consideração os elementos do seu dia a dia. A liturgia deve ter como prerrogativa a compreensão do homem, da simbologia e da busca de sua libertação.

5.7. Padres, irmãos e pastores.

Como a Igreja está inserida na realidade, as questões sociais sempre foram elementos constitutivos de sua missão, buscando síntese com sua doutrina religiosa. Com o processo de fazer miseráveis as massas populares, contracenando com a luxúria de minorias, o interesse pelo social tornou-se uma necessidade da ação pastoral.

Dom H. Câmara espanta-se, e nos espanta com a afirmação que *o escândalo do século é a marginalização, que afasta o ser humano dos benefícios e serviços, da criatividade e das decisões de mais de dois terços da humanidade* (CAMARA, 1968, p. 59).

Este exército de excluídos não encontra mais lugar para *reclinar a cabeça* na sociedade e perde o que de mais precioso ainda lhes resta: sonhos e esperanças. São frutos do egoísmo, entre os países e entre classes sociais. Cabe a todo cristão combater este vírus do egoísmo, que impossibilita a instauração histórica do Reino de Deus.

O mesmo Dom H. Câmara propõe um *remédio*: *Precisamos urgentemente de muita vitalidade e coragem para nos unirmos para uma educação libertadora. Só ela é capaz de libertar o ser humano do egoísmo gerador do orgulho e pretensão de viver sem Deus, do individualismo e da suposta impossibilidade de solidariedade e paz entre as pessoas* (CAMARA, 1968, p. 57).

A ação pastoral quer formar pessoas comprometidas com a solidariedade não apenas paternalista, mas de profunda transformação pela instauração da justiça social. Não bastam ações assistenciais esporádicas (tempo de natal e de quaresma), que elevam o sentimentalismo; é preciso uma conversão autêntica. Nesse sentido, Dom L. Proaño alerta: *se admitimos socialmente que no comércio se deve aspirar os maiores lucros, mesmo que seja preciso enganar os compradores, depois da semana santa continua-se a buscar lucros exagerados, prejudicando os clientes* (CAMARA, 1968, p. 59). Neste modo de viver o cristianismo, não se é o verdadeiro Cristo libertador, que nos quer todos irmãos e irmãs livres, numa sociedade onde haja justiça e vida.

Assumindo a realidade social como sua missão, a Igreja difunde a Palavra de Deus formando urna consciência política libertadora, fundamentada nos valores cristãos de justiça e verdade. É nesse sentido, que podemos dizer, que *a Igreja de Medellín tomou uma maior consciência: a evangelização é libertação, porque tenta recolocar as pessoas na sua relação com Deus, com o outro e com o mundo* (PROAÑO, 1980 p. 1093), construindo-o através do compromisso a ela deixado por Jesus.

Assim, apontando para várias questões sociais, a Igreja não pretende dirigir a sociedade política local, nem a economia e a cultura, mas tem o direito e o dever de ser presença animadora, em nome de Deus, do Reino e do Evangelho e não pode ser excluída por nenhum título. Sua perspectiva, porém, é evangélica (FRAGOSO, 1982, p. 55). Ela não governa a cidade e nem dirige o mercado, mas deve iluminar para que o mercado não seja excludente e a cidade seja governada dentro dos princípios da justiça e da solidariedade, que são princípios cristãos, que Jesus, fervorosamente, apregoa.

Dom A. Fragoso, aponta para as várias questões sociais, mostrando que no continente latino-americano está em gestação um rosto novo de Igreja, que nasce na vida mesma do povo pela força de Deus. Comprometida com o social, a Igreja vê-se diante do povo em constante êxodo, buscando o transcendente dentro de sua realidade, não ignorando as peculiaridades de todas as culturas.

Assim, ela estará aberta ao mundo, conquistando seu espaço de atuação, como sujeito de transformação. Esta foi a missão que lhe confiou o próprio Senhor.

Consideração: Um clamor! Somos todos Medellín.

Foi-nos uma grande surpresa lançar nossos baldes nas fontes dos *Padres da Igreja de Medellín*. Descobríamos a cada leitura, novas afirmações e diferentes posicionamentos que nos criavam fascínio e admiração por estes homens, que souberam descobrir os traços de Deus numa história conturbada e marcada pela opressão. Estes pastores da nossa Igreja, iluminados pelo Espírito de Deus, souberam discernir e com sua vontade puderam fazer opções lançando as raízes revolucionárias para uma compreensão mais profunda do dado da fé, que, com tanta sabedoria, sabem encarnar na história concreta, nos caminhos de sangue e de martírio dos filhos e filhas da América Latina.

O legado que nos foi deixado por estes *Padres de Medellín* e por tantos outros pastores, leigos e leigas, é um tesouro a ser conhecido e explorado, para luzir nas páginas de teologia de nossos tempos de fim de milênio. Muitas coisas foram escritas, muitos fatos foram narrados e tanto heroísmo e devoção de milhares de mulheres e homens anônimos ficam escritos no coração da história, à espera que sejam resgatados no tempo e voltem a iluminar os caminhos do cristianismo em nossa realidade.

São 50 anos, meio século. Um jubileu desde que nossos pastores corajosamente se uniram na fé e no compromisso cristão para renovar a Igreja, renovando antes de tudo a si mesmo. Por certo, o Pacto das catacumbas marcou coração dos principais líderes de nossa história cristã e católica na América Latina. Não é simples renunciar privilégios e poderes para servir o Reino de Deus. O testemunho daqueles pastores se imprimiu nas páginas da nossa história eclesial latino-americana, como outrora, nos primeiros séculos, os padres da Igreja Antiga. Foi um tempo de Igreja em comunhão, onde todos, pastores e fiéis, buscaram ouvir a voz incessante do Espírito e descobrir novas vias de realizar o Reino de Deus e de construir a Igreja dos pobres, Igreja de irmãos, Igreja de Jesus Cristo. Medellín. Os tempos são outros, bem diferentes. Conhecemos a internet, o whatsapp e tantos sistemas de comunicação outrora impensáveis; no entanto, nossos irmãos ainda são massacrados nas periferias, esperam longas horas nas filas dos hospitais, escondem-se da violência e se envergonham com a corrupção endêmica de nossos poderosos, nos três poderes e no poder econômico. As mídias ainda servem, em geral, aos mais fascistas e burgueses e a muitos grupos religiosos, mormente cristãos, que fizeram da religião o opró-

brio das consciências. Com novos instrumentais e diversificados focos de atenção, é preciso reescrever Medellín; novas páginas para velhas profecias. Deus proverá sempre verdadeiros pastores, profetas de nossos tempos, sacerdotes e religiosos dedicados à missão de evangelização na palavra e no testemunho e um povo com vontade de transformar a realidade de nossos tempos. São os verdadeiros componentes do Reino de Deus, do qual todos, somos servos fiéis.

Referências bibliográficas:

- ANGELELLI, E. A. Despedida en nombre de los sacerdotes. In *Signos de Lucha Esperanza*. Testimonios de la iglesia en América Latina (1973-1978). Lima: CEP, 1978.
- ANGELELLI, E. A. *Encuentro y mensaje*. Buenos Aires: Ed. Pátria Grande, 1976.
- BARROS, R. C. *Para entender a Igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968)*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CÂMARA, H. *O deserto é fértil*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- CÂMARA, H. *Revolução dentro da paz*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- CELAM. Carta de entrega das conclusões de Mar Del Plata a S.S. Paulo VI. In *Presença Ativa da Igreja no Desenvolvimento e na Integração da América Latina*. REB, v. 26, n. 4, ano 1966, pp. 931-935.
- CIDOC. Publicación Pastoral. In: Cuaderno 56. Santiago/Chile, 1970.
- DUSSEL, E. *De Medellín a Puebla: Uma década de Sangue e Esperança*. Vol. 2: De Sucre à crise relativa do neofascismo. São Paulo: Loyola, 1982.
- FRAGOSO, A. *Evangelizo e Problemática Social*. Porto: A. Ferreira, s.d.
- FRAGOSO, A. *O rosto de uma Igreja*. São Paulo: Loyola, 1982.
- TEIXEIRA, F. L. C. *A Gênese das CEBs no Brasil*. Elementos explicativos. São Paulo: Paulinas, 1988.
- GARCIA, A. R. *Teologia da libertação: Política ou Profetismo*. São Paulo: Loyola, 1977.
- JORNAL ULTIMA HORA, 21/ 08/69.
- LATOURELLE, R. e FISICHELLA, R. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida, Vozes/ Santuário, 1994.
- MAQUEO, R. O. *Liberación y teología*. Génesis y crecimiento de una reflexión (1966-1976). México: Centro de Reflexión Teológica, 1977.
- MESTERS, C. *Deus, onde estás?* Uma introdução prática à Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PROAÑO, L. A Igreja trabalha para a formação de uma sociedade cujos fundamentos sejam a fraternidade e a justiça. Entrevista concedida em 19.9.79. In SEDOC vol. 12, nº 31, ano 1980.
- PROAÑO, L. Cuaresma y Conversión. In: M. W. Signos de Liberación: testimonios de la Iglesia en América Latina (1969-1973). Lima: CEP, 1973.
- PROAÑO, L. *E profeta del pueblo*. Quito: Estuardo Gallegos, 1992.
- SUENENS, L. J. e CÂMARA, H. *Renovação no Espírito e serviço ao homem*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- VV.AA. *O Diálogo Missionário nos Tempos Atuais*. São Paulo: Liv. Moraes, s/d.